

OFERTA DAS TDICES NA MODALIDADE EJA

Ma Helga Valéria de Lima Souza

Universidade de Brasília – UnB/DF. helgaarte@gmail.com

Resumo

O presente artigo, parte integrante de uma dissertação, apresenta às ações desenvolvidas para a apropriação das Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão – TDICES, como instrumento educativo em uma escola pública, e ofertada aos jovens inseridos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do turno vespertino, nos anos de 2015 e 2016. Embora tenha sido desenvolvida uma pesquisa qualitativa na qual predominou a aplicação de entrevistas junto a um grupo de nove educandos, o presente trabalho tem como foco a coleta de dados e as análises correspondentes à estrutura física e o funcionamento do laboratório de informática a partir da observação in loco, registros fotográficos, comunicações complementares junto às professoras responsáveis pelo laboratório, análise do Projeto Político Pedagógico de 2015/2º semestre – PPP/2015/2, da escola e, informações coletadas informalmente com educandos participantes ou não da pesquisa. Após a triangulação dos dados, foi averiguado a quase total ausência de ações educativas direcionadas para o uso das TDICES como instrumento de pesquisa, a predominância do uso do laboratório pelos educandos para assuntos extra curriculares e, a existência de um desalinhamento da equipe de professor referentes as propostas pedagógicas apresentadas no PPP/2015/2.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, Modelo de oferta, Educação de Jovens e Adultos.

Educação e Tecnologias

A presença das Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão – TDICEs, no cotidiano escolar de milhares de jovens matriculados no sistema público de ensino no Brasil, ofertada nas escolas via a montagem de laboratórios de informática, adoção das redes sociais para organização em grupos de estudo, carteirinhas, agendas eletrônicas, como instrumento para pesquisa, para apresentação de trabalhos em sala de aula, e para o acesso a uma volumosa gama de informações, pode ser entendida como um indicativo da crença no favorecimento das TDICEs para a assimilação de novos saberes.

Para o professor, as TDICEs também podem possuir diversas funções, e se transformar em um dos principais instrumentos para organização didática do trabalho, planejamento de aulas, fonte de pesquisa, distribuição de conteúdo e, organização de diários, gerando assim, um real ganho de tempo útil e a ampliação de métodos e de instrumentos para a mediação dos conteúdos curriculares.

Porem, para um melhor entendimento e domínio de tais questões, as atuais dinâmicas presentes no espaço escolar carecem de mais pesquisas e análises conforme nos indica Noletto (2015)

A relação do jovem com a tecnologia cria dinâmicas sociais próprias – onde muitas vezes ele se torna protagonista do seu processo de aprendizado –, impõe uma nova relação do docente com o uso dessas novas ferramentas de ensino e, acima de tudo, gera novos desafios éticos e até mesmo intergeracionais que precisam ser melhor estudados (NOLETO, 2015, p. 11).

Diante de tais entendimentos foi desenvolvido um levantamento sobre o estado da arte e organizados estudos a partir da aplicação das palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos; Educação de Adolescentes; Tecnologia e EJA.

Como critério foram selecionados para leitura artigos, dissertações e teses desenvolvidas a partir de 2005, inclusas nos acervos físico e digital da Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes e do sistema Scientific Electronic Library Online – Scielo, sendo observado nas áreas da educação e das tecnologias uma indicação, por parte dos pesquisadores, para a importância da oferta de laboratórios de informática e da oferta da temática das tecnologias na

grade curricular, definidos por Mello e Wiggers (2015), como “[...] espaços geradores para as condições sociais para a inclusão digital”.

Assim, diante da real presença das TDICEs no cotidiano escolar, na busca por um melhor entendimento relativo aos modelos de apropriação das mesmas pelos educandos, da compreensão das propostas de oferta realizado pela escola e, devido ao surgimento de cursos de extensão para professores, cursos de alfabetização digital para a população, programa governamentais de distribuição de máquinas, disciplinas que propõem o aprendizado do uso da internet para o desenvolvimento de pesquisas e atividades educativas, torna-se relevante a manutenção de um olhar criterioso sobre tais fatos, objetivando assim, atender a questionamentos, como por exemplo: quais métodos têm sido aplicados para a oferta das TDICEs no cotidiano escolar por parte da escola? O modelo de oferta das TDICEs aplicado pela escola e pelos professores em sala de aula tem estimulado nos educandos a capacidade de questionamentos e análises críticas que favoreçam o aprendizado necessário para sua inserção social?

Metodologia

Na busca de respostas as questões acima levantadas foi desenvolvido, como parte complementar a questão de pesquisa da dissertação intitulada *Jovens na modalidade EJA na Escola Pública: autodefinição de jovem e função das TDICEs*, tento com embasamento teórico Menga Ludke (1986), sobre análise documental o Capítulo 4 com o tópico: *Campo de pesquisa*, onde se apresenta as análises do PPP/2015/2 referente a oferta das TDICEs por parte da escola. E, tendo como embasamento os estudos George Gaskell (2004) e Orlandi (2015), referentes a entrevistas, coletas de dados e registros fotográficos, o Capítulo 6, com o tópico: *Observação do laboratório*, com a descrição do espaço físico, ocorrido após seis idas *in loco*, registro fotográficos do espaço, das folhas de frequência dos educandos, entrevistas com educandos e, conversas informais com as professoras responsáveis pelo laboratório, Como norte para a análise e compreensão do material coletado, foram adotados os estudos de Pierre Bourdieu (2013) referente às análises da função social da escola e a manutenção das desigualdades sociais, os levantamentos de Mônica Peregrino (2010) relativos às trajetórias de educandos no sistema público educacional e os estudos de Marco Mello (2016) sobre o processo de juvenilização da EJA.

Resultados

Os dados coletados do PPP/2015/2 relacionados ao laboratório de informática apresentaram o laboratório como: 1) “laboratório de inclusão digital” com ressalvas as atividades que podem ser desenvolvidas para “melhor atender aos estudantes” (PPP/2015/2, p.4); 2) Como “espaço físico [...] de múltiplas funções” (PPP/2015/2, p.6); 3) “O laboratório de informática funciona das 8h às 22h atendendo apenas os estudantes da escola” (PPP/2015/2, p.19); 4) Como recursos materiais indicado no trecho “O corpo discente também dispõe de mais de 40 computadores no laboratório de inclusão digital.” (PPP/2015/2, p.21); 5) No capítulo Metodologia pelo uso do termo informática como

Os atendimentos acontecerão nas salas de aula em horários pré determinados com professores das áreas específicas dos conteúdos a serem trabalhados com métodos diversificados como por exemplos: jogos de raciocínio lógico, utilização da informática como ferramenta de interação, exercícios de fixação da aprendizagem e aulas formais. (PPP/2015/2, p.41)

Fisicamente o Laboratório de Informática tinha um único acesso, voltado para o pátio interno da escola. A visualidade de sua entrada gerava dúvidas sobre seu funcionamento e sua localização. Alguns alunos e professores relataram ou não saber que havia um laboratório de informática na escola, ou onde ficava e de ter tido dificuldade de encontrá-lo.



Fotos do arquivo pessoal da pesquisadora: Entrada do Laboratório de Informática, 2016, primeiro semestre.

Internamente o laboratório ocupava duas grandes salas, ligadas sequencialmente uma a outra, apenas por uma abertura na parede. Na primeira sala eram guardadas vinte e cinco máquinas com monitores, teclados e CPUs defeituosas, tratando-se assim de um depósito de máquinas defeituosas.

Na segunda sala, com ar condicionado e bem iluminada, estavam montadas 24 (vinte quatro) máquinas, numeradas e enfileiradas, para uso dos educandos, e mais um computador, uma impressora, um projetor, e uma tela de projeção para uso exclusivo dos professores.



Foto do arquivo pessoal da pesquisadora: Sala 1, do Laboratório de Informática, 2016, primeiro semestre.



Foto do arquivo pessoal da pesquisadora: Sala 2, do Laboratório de Informática, 2016, primeiro semestre.

Como responsáveis pelo funcionamento do laboratório, foram encontradas duas professoras que atendiam em dias distintos da semana. Ambas, relataram não ter conhecimento de informática suficiente para auxiliar os educandos em pesquisas, eram

professoras readaptadas¹ e tinham como função orientar os educandos sobre as folhas de frequência do laboratório e as regras para o uso das máquinas.

O controle da frequência era feito pelo próprio educando nas folhas de frequência do laboratório. Foram analisadas dez folhas de frequência e fotografadas sete, sendo observado que: 1) Cada folha continha os registros dos três turnos - manhã, tarde e noite, sem que houvesse marcação para o início ou término de cada turno. 2) Não havia espaço para informações relativas às intenções do educando. 3) Não havia espaço para indicação de presença em grupo ou individuais. 4) Não havia espaço para declaração de que o educando tinha ido ao laboratório por vontade própria ou a pedido do professor. 5) Não havia espaço para registro do tempo que o educando permaneceu no laboratório – chegada e saída. 6) Havia inúmeras ocorrências de preenchimentos incompletos - apenas o registro do seu primeiro nome (exe.: Maria, João). 7) Não havia informações do turno e da turma em que o educando estava matriculado.

As regras para o uso do laboratório, no que se referia à equipe docente, não eram rígidas. O professor poderia, conforme julgasse necessário, ocupar o laboratório independente de um pré-agendamento. Caso houvesse a presença de educando(s) que não fossem da sua turma, poderia ser pedida a retirada do educando(s). Para os educandos existiam quatro possibilidades: acompanhamento de um professor, comparecimento em horário livre, à ausência do professor em sala de aula ou por indicação de um professor para o desenvolvimento de atividades escolares.

Em relação às ações de ocupação do laboratório pelos professores os educandos relataram que nenhum professor os levou, ou os encaminhou, ao Laboratório de Informática para o desenvolvimento de atividades – aula expositiva, leitura, pesquisa em grupo ou individual ao longo do semestre. Relataram também que utilizavam o laboratório apenas para navegação em redes de relacionamento ou pesquisas individuais relativas a conteúdos extra escolares, como por exemplo, compra de tênis, CDs, vídeos musicais ou sites de relacionamento.

Os educandos, durante entrevistas em grupo e individual, também relataram que de acordo com o modo como as TDICEs eram trabalhadas pelos professores “não faz diferença”

¹ Professores readaptados são professores que, por diversos motivos de saúde, são retirados de sala de aula e postos em novas funções.

ser ofertada pela escola, indicando que preferiam, além de utilizar o laboratório apenas para navegação extra conteúdo curricular, desenvolver as atividades escolares em casa.

Discursões

As análises das informações obtidas são relevantes para o entendimento buscado, pois, tanto indicam a ausência de ações educativas no modelo de oferta por parte da escola para a adoção das TDICEs nos processos de aprendizagem e desenvolvimento escolar dos educandos, limitando-se apenas a oferta concreta do laboratório de informática, quanto indicam a falta de ações, por parte dos professores, que incentivem a adoção das TDICEs pelos educandos em suas atividades escolares.

Tais questões quando cruzadas a falta de preparação para o uso das TDICEs pelas professoras responsáveis pelo atendimento do laboratório de informática, são entendidas como fator limitador para o desenvolvimento do hábito da pesquisa escolar por parte dos alunos. Quando cruzadas ao modelo de folha de frequência adotado pela escola, são entendidas ações que inviabilizam um real entendimento relativo à ocupação do laboratório de informática pelos educandos e, por fim, quando cruzadas a visualidade externa do laboratório, são avaliada como desmotivadora para o grupo de educandos jovens, que têm como característica o uso da comunicação visual.

Essas análises ao serem agregadas a ausência de indicativos apresentada na fala dos educandos relativos a métodos que oriente o uso das TDICEs como instrumentos de pesquisa e de aprendizagem, justificam, em parte, tanto o baixo índice de aprendizagem, quanto o auto percentual de reprovação e abandono escolar presentes entre os educandos e apontado no tópico Diagnóstico da Realidade Escolar do PPP/2015/2.

Conclusão

Em relação à oferta por parte da escola e, da adoção por parte dos educandos referente às TDICEs como instrumento educativo, foi observado que, embora haja uma estrutura avaliada como muito boa, a qual possibilitaria o incentivo aos estudos a partir da adoção/ ou com o apoio das TDICEs, a falta de ações pedagógicas por parte de professores para a ocupação do laboratório de informática e o despreparo das professoras responsáveis pelo mesmo, são, entre outros pontos, um dos principais fatores entendidos como desfavoráveis para o desenvolvimento e a manutenção do hábito de navegação desvinculada dos conteúdos escolares praticadas pelos educandos.

Agradecimentos

Agradecemos a então diretora Raquel Ayako, aos professores e educandos participantes da pesquisa que, ao se disporem a participar das entrevistas e responderem aos questionários aplicados, nos auxiliaram na construção de um melhor entendimento da realidade por eles vivenciadas relacionada a oferta das TDICEs no contexto escolar.

Referências

GASKELL, George. Entrevistas individuais ou em grupo. 2011 Capítulo 3. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/costadalagoa/cap-3-gaskell>> Acesso em: 12.01.2016.

_____ Entrevista individuais e grupais. In Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em : <<http://docslide.com.br/documents/ludke-menga-pesquisa-em-educacao-abordagens-qualitativas-sao-paulo-epu1986.html>>

MELLO, Horácio D.; WIGGERS; Ingrid D. Representações e usos da internet: um estudo de recepção com o adolescentes. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6409/1/ARTIGO_Representa%C3%A7%C3%B5esUsosInternet.pdf > Acesso em 10/06/2015.

NOLETO, M. Jovchelovitch. Juventudes e Tecnologias: Sociedades e aprendizagens. Prefácio / Carlos Ângelo de Meneses Sousa (org.). et al . - Brasília: Liber Livro, 2015.

ORLANDI, Eni P. Análise do Discurso: princípios e procedimentos 12.ed., Campinas: Pontes, 2015.

SOUZA, Helga. **Jovens na modalidade EJA na Escola Pública: autodefinição de jovem e função das TDICEs**. FE/UnB.2017. In: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22800>